

AGOSTINI, Angelo

* jornalista; mov. abolicionista.

Angelo Agostini nasceu em Vercelli, na região do Piemonte, na Itália, no dia 8 de abril de 1843. Sua mãe, Raquel Agostini, foi cantora lírica.

Passou a infância e a adolescência com a mãe e a avó em Paris e lá concluiu seus estudos de desenho e pintura em 1858. Chegou ao Brasil no ano seguinte, desembarcando no Rio de Janeiro. Após rápida temporada de três anos na cidade, foi para São Paulo viver com a mãe e o padastro, o imigrante português Antônio Pedro Marques de Almeida.

No início da década de 1860, já estabelecido em São Paulo, passou a trabalhar como pintor-retratista. Em 1864, iniciou suas atividades como desenhista no jornal *O Diabo Coxo*, que fundou com o escritor abolicionista Luís Gama e com Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco. Nesse periódico, que circulou por um ano e um mês, pela primeira vez afirmou publicamente ideais libertários, como o anticlericalismo, fazendo duras críticas à Igreja Católica.

Em 1866, fundou com os mesmos amigos o semanário ilustrado *O Cabrião*, no qual voltou a usar o lápis para criticar o clero e satirizar a Guerra do Paraguai. Causou especial polêmica ao publicar uma caricatura ironizando o Dia de Finados, o que lhe rendeu ameaças que o obrigaram a deixar São Paulo. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, trabalhando inicialmente como colaborador do periódico *O Arlequim*, logo extinto, e no ano seguinte na *Vida Fluminense*, onde publicou *Nhô Quim ou impressões de uma viagem à Corte*, considerada a primeira história em quadrinhos do Brasil. Ainda na *Vida Fluminense*, publicou séries de desenhos que ilustravam notícias e faziam críticas à Guerra do Paraguai. Em 1871, passou a colaborar também no jornal *O Mosquito*, do mesmo modo crítico, ilustrado e combativo. Num período em que a crítica política ganhava cada vez mais espaço nas revistas ilustradas, conquistou maior notoriedade e engajou-se formalmente no movimento abolicionista organizado.

Em janeiro de 1876, fundou no Rio de Janeiro a *Revista Ilustrada*, cuja popularidade cresceu rapidamente a ponto de transformá-la em um dos maiores acontecimentos da imprensa brasileira. Sua tiragem chegou a quatro mil exemplares, padrão jamais visto em nenhum periódico editado na América do Sul. A revista saía sempre aos sábados e era distribuída em todas as províncias e principais cidades do país. Foi ali que Agostini conferiu um crescente sentido político a suas criações. Difundindo ideias liberais, republicanas e anticlericais, envolveu-se ativamente na campanha abolicionista, ao lado de José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. Este último expressou o alcance da revista denominando-a “Bíblia da Abolição dos que não sabem ler”. As caricaturas contundentes de Agostini mostraram o sofrimento dos escravos, mas também expuseram os desmandos da classe dominante, a disseminação da febre amarela, os folguedos de carnaval, as fraudes eleitorais, a decadência do imperador Pedro II e a questão religiosa: um verdadeiro desenho da vida do país. Publicou também, no mesmo periódico, algumas séries que se tornaram célebres, como *As aventuras de Zé Caipora* (em quadrinhos), e as caricaturas do imperador

Pedro II, seja dormindo nas sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro seja montado em um cavaleiro de pau.

Com a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888, Agostini alcançou grande notoriedade. Nesse mesmo ano, oficializou sua naturalização como cidadão brasileiro e recebeu homenagens da Confederação Abolicionista. No auge da fama, afastou-se da *Revista Ilustrada* e partiu para a França. De acordo com alguns textos publicados na mesma revista, os motivos da viagem seriam gozar férias e entrar em contato com as modernas técnicas de criação e impressão de imagens.

Agostini voltou ao Brasil em 1893 e retomou as atividades de artista gráfico. Fundou a revista *Don Quixote* em 1898 e colaborou com o diário *Gazeta de Notícias* a partir de 1904, mesmo ano em que a *Revista Ilustrada* parou de circular. Em 1905, além de participar do lançamento da revista infantil *O Tico-Tico*, passou a atuar em *O Malho*, onde trabalhou até o fim da vida. Participou com frequência das Exposições Gerais de Belas-Artes e, em 1910, integrou o grupo fundador do Centro Artístico Juventas, que em 1919 foi transformado na Sociedade Brasileira de Belas-Artes. Seu último trabalho, um retrato do já falecido amigo Joaquim Nabuco, foi publicado em *O Malho* no dia 22 de janeiro de 1910, véspera de sua própria morte. Em 23 de janeiro, aos 67 anos, Angelo Agostini faleceu no Rio de Janeiro.

Casou-se em 1869 com Maria José Palha, com quem teve uma filha, Laura Alvim. Em 1888, separou-se da esposa e passou a viver com Abigail de Andrade, com quem teve dois filhos, Angelo Agostini e Angelina Agostini.

Após sua morte foram publicadas duas obras contendo reproduções de alguns de seus trabalhos anteriores: *As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros, 1869-1883* (2002) e *O Diabo Coxo. Edição fac-similar* (2005). A seu respeito e sobre sua atuação destacam-se as obras *História da caricatura no Brasil* (1963), de Herman Lima; *Revista Ilustrada – síntese de uma época* (1988), de Marcus Tadeu Daniel Ribeiro (dissertação de mestrado); A tradição da caricatura no Brasil e Angelo Agostini, em *Voltolino e as raízes do modernismo* (1992), de Ana Maria de Moraes Beluzzo; Bordalo x Agostini – “nestas mal tratadas... intrigas”, em *Rafael Bordalo Pinheiro – o português tal e qual: da caricatura à cerâmica*, de Emanuel Araújo (org.); *O caricaturista* (1996), de Antônio Luiz Cagnin; Primórdios da imprensa caricata paulistana: O Cabrião, em *O Cabrião: semanário ilustrado editado por Angelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis* (2000), de Délcio Freire dos Santos; Estava escrito! O homem que revolucionaria o gênero chegaria em maio! (trabalho apresentado no III Encontro da Rede Nacional Alfredo de Carvalho, 2005), de Antônio Luiz Cagnin; Angelo Agostini e seu “Zé Caipora”: entre a Corte e a República, em *História, imagem e narrativas*

(2006); e *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial, São Paulo e Rio de Janeiro, 1864-1888* (2008), de Marcelo Balaban.

Carolina Vianna Dantas

FONTES

BALABAN, M. *Poeta*; BROCA, B. *Vida*; CAGNIN, A. *Estava escrito*; CAVALCANTI, C. ANGELO; LIMA, H. *História*; RIBEIRO, M. *Revista Ilustrada*; SODRÉ, N. *História*.